

# Centro

Fotos Márcia Alves/AE



Cristina Alves: passagem pelos nhambiquaras antes de se tornar vendedora; o ator Rubens Caribé compra o banquinho indígena que tanto namorava

## Loja da Funai divulga cultura dos índios

*A Artíndia tem peças do artesanato produzido por tribos de várias partes do País*

MARCELO VENTURA

Todo dia é dia de índio na Galeria Ouro Velho. Bem distante das tribos, a Artíndia, da Fundação Nacional do Índio (Funai), oferece aos paulistanos a oportunidade de conhecer a cultura dos povos que habitam o Brasil desde antes do descobrimento. A loja vende trabalhos artesanais originais de dezenas de tribos de todas as regiões do País.

O espaço parece pequeno para tanta coisa. Das cerca de 200 civilizações existentes no Brasil, 70 estão representadas pelo artesanato na Artíndia. "O programa começou na década de 50, quando os sertanistas traziam alguns dos presentes que eram fruto dos primeiros contatos com esses povos", explica a indigenista Cristina Alves, que depois de ter vivido algum tempo com os Nhambiquaras, na região de Mato Grosso e Rondônia, trabalha na loja.

O material coletado no início do trabalho dos sertanistas era encaminhado para o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, que ficou pequeno para tanta coisa. A Funai criou a loja em São Paulo e depois em Belém (PA), Manaus (AM), Rio de Janeiro (RJ), Bra-



*Monserrat Gonzales à procura de acessórios para os integrantes de seu grupo espírita. "Nós temos de ir fundo naquilo em que acreditamos"*

**COCARES  
 SIMBOLIZAM  
 HIERARQUIA  
 NA TRIBO**

sília (DF), Recife (PE) e Cuiabá (MT).

**Divulgação** — "A Funai tem representantes nas tribos que compram os trabalhos dos índios e repassam para a Artíndia",

diz Cristina, acrescentando que a loja tem importâncias culturais porque divulga os costumes da tribo, e econômica, porque o dinheiro ajuda, de certa forma, esses povos.

Segundo a indigenista, cada cliente que aparece na loja quer saber um pouco sobre a origem das peças. "Cada peça, em particular, tem uma história", afirma Cristina. O público que frequenta o local é formado basicamente

por profissionais liberais, colecionadores, muitos estrangeiros e religiosos. "Todo atendimento é muito demorado porque acabamos contando várias histórias para o cliente."

Quem resolver confirmar, poderá ficar sabendo, entre outras coisas, que as índias da região do Xingu usam um acessório feito de palha chamado Oluri quando não desejam ter relações sexuais. "São elas que decidem e são respeitadas", revela Cristina. Os homens desses povos acreditam que se violarem o Oluri poderão ficar impotentes pelo resto da vida.

**Peças** — O acervo da Artíndia é variado. É possível encontrar trabalhos muito bonitos e interessantes por bons preços. Os cocares, por exemplo, variam de ta-

manho e de cores. O menor custa R\$ 7,00 e o maior, R\$ 300,00. "Depende da tribo e do grau de hierarquia", explica Cristina.

Também se encontra chocalhos da tribo Carajá, por R\$ 6,00; pios de urus — um apito feito de bambu, por R\$ 3,00, e zarabatanas, com o mesmo material, por R\$ 6,00, ambos dos guaranis que vivem em Peruíbe (SP); sacolas de uma tribo de Pernambuco, por R\$ 12,00; flexas originais dos zorós, de Rondônia (RO), com pena de gavião real, por R\$ 11,00; e colares feitos com dentes de macaco, dos panarás, da região do Xingu, por R\$ 15,00.

Todos esses e mais outros tra-

balhos podem ser uma boa opção de presente, segundo o ator Rubens Caribé, que trabalha na novela *Sangue do Meu Sangue*, do SBT. Ele comprava, na terça-feira, um banco de feito pelos índios do Xingu, que vinha "namorando" há algum tempo. "A loja é fantástica, tem coisas preciosíssimas e perfeitas para presentear de maneira super original."

**Religiosidade** — Muitos dos clientes que frequentam a Artíndia, fazem isso por motivos religiosos, como a programadora visual Monserrat Gonzales. Ela procurava um cocar pequeno para presentear um integrante do grupo espírita Jubiara, do qual faz parte. "Nós temos de ir fundo no que acreditamos", afirmou, explicando sobre o culto. "Lá, as

pessoas incorporam entidades externas que têm relação com os costumes indígenas", revelou.

Tudo o que é arrecadado pela loja da Funai com as vendas dos produtos é usado exclusivamente para

compra de novos artigos. "Os recursos que obtemos aqui com a venda dos produtos até permitiria que aplicássemos em infraestrutura ou em outras coisas, mas ele pertence ao índio", conta Cristina. "É preciso que os brasileiros valorizem mais a cultura desses povos", apela.

■ Artíndia — Rua Augusta, 1.371, Galeria Ouro Velho, loja 119. Telefone: 283-2102.

**FIO NATURAL  
 EVITA  
 CONTATO  
 SEXUAL**